



UM CANTO DO
MUNDO PARA
CHAMAR DE MEU

ARTÍSTICA Pintura do baiano Floriano Teixeira, máscaras da Indonésia, cocar da Amazônia, papiro do Egito, reprodução de Salvador Dali e quadros da Tailândia compõem a parede da sala de visitas.



Perto da praia e longe do centro, a arquiteta Livia Salem aproveita a tranquilidade de morar no seu próprio paraíso construído onde une trabalho e descanso

por CAROLINA COELHO
fotos LUCIANO OLIVEIRA



jardim da casa nos trilha por um caminho de seixos até a porta, iniciando nossa sensação de bem-estar com o aspecto praiano do lugar. Nina e Zulu, os labradores negros, são os primeiros a aparecer quando a imensa porta verde vinda de Tiradentes, Minas Gerais, é aberta. Por dentro, a rusticidade das madeiras de demolição que cobrem todo o piso da área comum e os móveis de madeira escura contrastam com as cores claras dos sofás e tapetes de sisal.

Logo vem Livia, a arquiteta paulista de 34 anos, que aos 18 fez um caminho inverso do que a da maioria de costume, e foi fazer faculdade em Salvador depois de vislumbrar-se no cenário alegre que a Bahia clareava em seu imaginário. Casou-se com um soteropolitano com vício de surfe, comprou um terreno de 1.500m² em Busca-Vida e, com a ajuda do arquiteto Marcos Barbosa e das referências da arquitetura balinesa, montou seu pequeno paraíso para receber amigos nos fins de semana.

Decoradora por vocação, ela conta que todos os objetos da casa têm uma lembrança. Vieram de viagens, de terras longínquas, pequenas singularidades de cada ponto do mundo que já visitou. “Casa não pode ser uma vitrine, ela tem que contar sua própria história”, diz. Com muitos objetos em tons de azul e verde para lembrar o gosto pelo mar, ela se permite fazer um jogo de combinações com o que gosta, sem compromisso com o resultado final. “O bom é que se eu errar não tem ninguém para brigar comigo”, se diverte.



BONS VENTOS No escritório aberto para o jardim, as máscaras africanas se misturam às pranchas de surfe

ABENÇOADA Após ter a promessa atendida duas vezes, Livia se tornou devota de São José, padroeiro da família, e pediu que o artista Rosalvo Santeiro, de Maragojipinho, fizesse uma estátua para repousar sobre a antiga mesa de carpintaria que compõe a sala de jantar

SOB O COQUEIRO A aconchegante sala de estar, sombreada pelo forro feito de palha pelos artesãos da Estrada do Coco



DELICADO Um mimo para a chave que tranca a porta de madeira vinda de Tiradentes, Minas Gerais



SEM LATIDO O terceiro cachorro da casa, vindo de São Paulo, recebe quem chega e dá um toque divertido ao espaço



SOPRO DO MAR A concha revestida de pedrarias vinda de Myanmar e adquirida em um antiquário em Bali



SAUDADES "Estátuas vindas da África do Sul, parte das recordações das viagens do casal"

BANGALÔ No meio da piscina, um cantinho para deixar a casa com um toque do charme da arquitetura de Bali